

Banco quer ampliar as linhas de crédito comercial ao Brasil

por Maria Christina Carvalho
de São Paulo

O Banco Latino-Americanano de Exportações (Bladex) quer aumentar em US\$ 25 milhões o seu portfólio no Brasil e conquistar novos acionistas para ampliar os ativos. Para atingir esses dois objetivos, membros da diretoria do Bladex estiveram, sexta-feira, em São Paulo, reunidos com a Associação Brasileira dos Bancos Comerciais Estaduais (Asbace).

O Bladex foi criado em 1977 e seu objetivo é promover as exportações, fornecendo crédito comercial, da América Latina e Caribe. Apesar de funcionar como um banco comercial, "a taxas de mercado", o Bladex tem o caráter de uma agência multilateral, diz W. de Marez Oyens, vice-presidente-executivo do Bladex, que explica: o Bladex é formado pela associação de 249 bancos, entre bancos centrais, bancos comerciais latino-americanos, bancos internacionais e organismos internacionais.

Metade de seus recursos para empréstimos — US\$ 380 milhões neste ano — provém dos bancos centrais associados. Outros associados e organismos internacionais fornecem 20%; e o restante depende da captação de crédito junto a bancos estrangeiros.

"A liquidez não é muito grande porque os depósitos dos bancos centrais, que representam 50% dos ativos, são de prazos muito curtos, em geral menos de três semanas", diz Oyens, um holandês que morou no Brasil como diretor do Banco Holandês Unido, é casado com uma brasileira e mora atualmente no Panamá, sede do Bladex. Dos US\$ 380 milhões dis-

dor individual do Bladex, com empréstimos correspondentes a 25% e até 30%, o que significaria um portfólio ao redor de US\$ 110 milhões, que o Bladex pretende ampliar em US\$ 25 milhões até o final do ano,

poníveis até agora para empréstimos comerciais, apenas US\$ 130 milhões são de médio prazo, originados de recursos captados antes da crise da dívida externa.

"DINHEIRO NOVO"

Os créditos do Bladex são dados aos bancos associados na forma de créditos comerciais para estimular as exportações, preferencialmente de produtos não tradicionais, o que pode incluir serviços, segundo Oyens. Mas o Bladex também está interessado em financiar também acordos bilaterais, como o recentemente fechado entre Argentina e Brasil envolvendo o comércio de trigo e combustíveis.

"O importante", diz Oyens, "é que os recursos são 'dinheiro novo', isto é, não estão amarrados a processos de reestruturação da dívida externa dos países-membros. Quando a crise chegou e muitos bancos internacionais retiraram seus depósitos dos bancos latino-americanos, o Bladex conservou sua fatia porque sempre pagou em dia, juros e principal."

O Brasil é o maior toma-

contando que sua carreira cresça acima de US\$ 400 milhões, para algo ao redor de US\$ 430 milhões. Os créditos já concedidos pelo Bladex aos associados acumulam até agora US\$ 5,2 bilhões, 80% dos quais de curto prazo. A fatia do Brasil nesse total acumulado é de US\$ 1 bilhão.

MAIOR LIMITE

"O Brasil é também o país com maior limite no Bladex", diz Oyens, que explica que os limites são fixados não só pelo risco, embora o Bladex, "como um banco comercial qualquer", queira ter um lucro entre 8 e 10% do capital. Também influem as potencialidades do país, a participação acionária e a demanda.

Dezenove bancos brasileiros são associados ao Bladex: América do Sul, Auxiliar, Bamerindus, BCB, Boavista, Bozano, Simonsen, Bradesco, Cidade de São Paulo, Banco do Brasil, Banespa, Banco do Estado do Amazonas, Banco do Estado do Espírito Santo, Banco do Estado do Pará, Banco do Nordeste do Brasil, Econômico, Nacional do Norte, Real, Regional e Unibanco.